



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

30 de Janeiro de 2011

## MANIFESTO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO

# Viva o levante popular no Egito! Abaixo a ditadura pró-imperialista de Hosni Mubarak Por um governo operário e camponês que exproprie a burguesia e expulse o imperialismo!

As massas pobres e oprimidas tomaram conta do País. À frente delas, milhares e milhares de jovens desempregados e mergulhados na pobreza. A bandeira dos explorados: “abaixo o governo”. A classe operária, os camponeses e a classe média arruinada se levantaram e se levantam para pôr um basta à ditadura de Mubarak, aristocrática, corrupta e subordinada aos Estados Unidos.

A violência policial, o toque de recolher, a ocupação militar das ruas, centenas de prisões e uma centena de mortos não arrancaram as massas insurretas das ruas. Tremenda força social vem das profundezas da economia, das divisões de classes, da dominação imperialista e de um Estado burguês apodrecido.

Manifestam-se as leis da história sob as relações capitalistas de exploração e de opressão. As massas saqueadas e controladas pela ditadura de classe da burguesia egípcia irrompem com a bandeira democrática de fim de trinta anos de governo totalitário, oligárquico e entreguista.

Os porta-vozes da ordem capitalista, movidos pela imprensa internacional, querem fazer crer que se trata de um milagre da internet e de uma juventude rebelde. O chamado à população que se manifestasse em “um dia de revolta contra a corrupção, injustiça, desemprego e tortura” serviu de estopim ao vasto descontentamento e ódio das massas ao governo dinástico e servil aos Estados Unidos.

A confluência de forças das classes exploradas e das camadas sociais mais pisoteadas indica que fermentavam no seio das massas as tendências instintivas de revolta. O regime político de Mubarak sobrevivia às custas de brutal repressão à insubordinação dos explorados, inclusive à política burguesa opositora.

Tudo indica ser correta a informação de que não houve uma força política que organizasse o levante ou que estivesse presente na eclosão do movimento na terça-feira, de 25 de janeiro. A oposição oportunista correu atrás dos acontecimentos. É o caso do principal partido de oposição, Irmandade Muçumana. O dissidente



Mohamed El-Baradei voltou às pressas ao Egito para organizar uma saída burguesa e pró-imperialista no caso das massas resistirem à violência reacionária e porem abaixo o governo. Espera-se dar a mesma sorte ao levante democrático no Egito que teve o da Tunísia.

A burguesia egípcia e o imperialismo contam com a ausência da direção revolucionária, ou seja, de um partido marxista-leninista-trotskista capaz de levar até o fim a luta democrática transformando-a em socialista, comunista. Estabeleceu-se um cerco internacional à marcha revolucionária das massas egípcias. O imperialismo admite que o levante foi inevitável diante de um governo avesso a reformas liberalizantes e completamente esclerosado pela casta governante afastada da vida das massas.

Todos se viram diante da gigantesca ação direta dos explorados, método revolucionário próprio da classe operária. A questão é como dissolver sua coesão e arrefecer o seu ímpeto rumo à derubada do governo por meio das ruas. Mubarak deu um primeiro passo para sobreviver se utilizando da poderosa força policial, muito bem financiada, treinada e aparelhada pelos Estados Unidos. O segundo foi o de pôr o exército nas ruas para garantir a Lei Marcial. O terceiro foi o de mudar a cúpula governamental e colocar na vice-presidência o chefe do serviço secreto Omar Suleiman. O quarto seria o de elevar o número de mortos a uma cifra alta.

No entanto, tudo indica que os manifestantes não pretendem deixar as ruas, principalmente depois de constatarem que o exército se mostrou cauteloso no primeiro embate. Os Estados Unidos temem que um banho de sangue leve a revolução mais adiante do esperado pela contra-revolução.

O imperialismo norte-americano está intimamente identificado com a ditadura de Murabak. A melhor saída é que promova reformas institucionais e apresente as eleições presidenciais em um novo quadro, que não envolva a sucessão de seu filho, Gamal Mubarak, que vinha sendo preparada.

As Forças Armadas egípcias estão sob rigorosa influência do Pentágono. Um cerco brutal ao levante não seria bom, nas atuais condições mundiais, à sua política de dominação. O regime autocrático de Mubarak está esgotado. O imperialismo pode dele se desfazer, substituindo-o por uma outra fração da casta burguesa dirigente. Está aí por que se propagandeia que o exército tem a simpatia do povo, com seus heróis republicanos e com seus feitos de guerra contra a implantação do Estado sionista. A revolta pode desfazer o governo, mas não pode desmoronar o pilar de sustentação do Estado burguês, que são as Forças Armadas.

A inexistência da direção revolucionária coloca a revolução à mercê das forças contra-revolucionárias, que combinam a repressão com a reforma pseudo-democrática. Os Estados Unidos estão falando baixinho em nome da democracia. Durante trinta anos sustentou o regime de violência contra as massas e a oposição burguesa. Não têm faltado pedidos da imprensa para que Obama convença Mubarak a ceder a um governo de transição, antes que as massas avancem na derrubada revolucionária do regime. Certamente, o imperialismo trabalha nos bastidores para que a solução do impasse esteja sob seu controle. É inconveniente que a Irmandade Muçulmana se fortaleça e tome a frente do Estado. Mas não há indicação de que o Egito possa reproduzir uma revolução como a do Irã. O fato de correr atrás do movimento revela quanto estava adaptada à legalidade do regime. Poderá servir de instrumento a uma aliança com uma fração da camarilha governante para desfazer a situação revolucionária e promover a via da transição.

O exército e a polícia estão incólumes. E as massas não puderam se apoderar das armas. Sob essas condições, a revolução ficará no meio do caminho. Não se trata tão-somente de um governo ditatorial, pró-imperialista e pró-sionista. Um governo burguês, por mais democrático que seja, manterá as massas na mais profunda opressão e não expulsará o imperialismo. É o que se verifica com a derrubada do governo na Tunísia.

O Egito necessita sofrer profundas mudanças. As reais reformas democráticas não terão como ser colocadas em prática por um governo dos capitalistas. Dos 84,5 milhões de habitantes, apenas 43% vivem na cidade. Há uma massa de camponeses que precisam das terras. As forças produtivas industriais estão em grande atraso. A renda per capita de 2.070 dólares reflete o arcaísmo econômico. Não por acaso, a taxa de analfabetismo, entre 1999 e 2007, alcançava a enorme proporção de 33,6% da população. E 23% ganham até 2 dólares por dia. O desemprego entre a juventude constitui também um dos sérios problemas. Estão aí algumas das razões principais do Egito não ter alcançado a democracia bur-



guesa e o Estado ser dominado por uma casta, da qual faz parte a cúpula militar e policial.

Os egípcios viveram sob o regime monárquico de 1922, data de sua independência do imperialismo inglês, até 1952, quando um golpe militar liderado por Gamal Abdel Nasser proclamou a República. O nacionalismo e o reformismo de Nasser tiveram fôlego curto. A raquítica burguesia egípcia não foi capaz de fazer frente ao imperialismo e ao movimento sionista. A derrota da iniciativa, em fins dos anos 50, de colocar o Canal de Suez sob seu controle marcou a impotência do nacionalismo, bem como o fracasso da tentativa de unificação com a Síria. A vitória militar de Israel em 1973 contra a Síria e Egito determina a virada para posições francamente pró-imperialistas, ainda no governo nacionalista de Anwar Sadat, assassinado em 1981.

O governo de Mubarak resulta desse processo. Soterra o nacionalismo e se curva perante a política norte-americana para o Oriente Médio, fortalecida no pós-guerra. A esperança das massas insurretas de se livrarem do governo de Mubarak é progressista. Mas não resolverão os problemas nacionais e sociais que se arrastaram tanto sob o nacionalismo de Nasser quanto sob o entreguismo de Mubarak.

O pujante movimento revolucionário de 25 de janeiro expressa a crise de direção mundial do proletariado, provocada pela destruição da III Internacional pelo estalinismo e pelo retrocesso restauracionista na ex-União Soviética. É falso que se trata de um levante popular porque não conta com lideranças. É popular porque uniu a população oprimida contra o governo. O fundamental está que o movimento popular de massa não poderá desmoronar o regime político da burguesia sem que esteja sob a direção da classe operária. Essa tarefa histórica depende do partido munido do programa de transformação da revolução democrática em socialista.

A estratégia do proletariado para se livrar do regime de opressão social e nacional representado pelo autocrata Mubarak é o da constituição de um governo operário e camponês, expressão da revolução e ditadura proletárias. *Sob um governo operário e camponês, a revolução que começa democrática concluirá em socialista. Tarefas como a emancipação do Egito do imperialismo, entrega das terras aos camponeses, emprego a todos, fim do analfabetismo etc. serão colocadas em prática concomitantemente com a expropriação do grande capital e estabelecimento do controle operário da produção.* Caso não se resolva a crise de direção, a burguesia, unida a setores da pequena burguesia, desviará o curso histórico do levante popular.

Viva a revolução no Egito!

30 de janeiro de 2011